



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA –
CAMPUS CABEDELO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

Erotismo e Identidade Visual no Forró Eletrônico: A Estética da Calcinha Preta

DEYVISONN RANYERE MESSIAS LOPES

CABEDELO
2024

DEYVISONN RANYERE MESSIA LOPES

Erotismo e Identidade Visual no Forró Eletrônico: A Estética da Calcinha Preta

Artigo como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, para a obtenção do título de Tecnóloga(o) no Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Anália Adriana da Silva Ferreira

CABEDELO
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

- L864e Lopes, Deyvisonn Ranyere Messias.
 Erotismo e Identidade Visual no Forró Eletrônico: A Estética da Calcinha Preta / Deyvisonn Ranyere Messias
 Lopes – Cabedelo, 2024.
 34 f.: il.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Superior de Tecnologia em Design Gráfico) – Instituto Federal de
 Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB.
 Orientadora: Profa. Ma. Anália Adriana da Silva Ferreira.
1. Análise gráfica. 2. Identidade visual. 3. Forró. I. Título.

CDU 003.65



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

Deyvisonn Ranyere Messias Lopes

Erotismo e Identidade Visual no Forró Eletrônico: A Estética da Banda Calcinha Preta

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de técnico(a) em Design Gráfico, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Cabedelo.

Aprovado em 05 de fevereiro de 2025

Membros da Banca Examinadora:

Profa. Me. Anália Adriana da Silva Ferreira

IFPB Campus Cabedelo

Profa. Esp. Suellen Silva de Albuquerque

IFPB Campus Cabedelo

Prof. Me. Rafael Leite Efrem de Lima

IFPB Campus Cabedelo

Cabedelo-PB/2025

Documento assinado eletronicamente por:

- **Analia Adriana da Silva Ferreira, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO**, em 14/03/2025 15:24:52.
- **Suellen Silva de Albuquerque, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO**, em 14/03/2025 15:28:04.
- **Rafael Leite Efrem de Lima, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 17/03/2025 13:48:50.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 03/02/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código 663822
Verificador: a531dcafc4
Código de Autenticação:



Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Camboinha, CABEDELLO / PB, CEP 58103-772
<http://ifpb.edu.br> - (83) 3248-5400

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos os professores do IFPB – Campus Cabedelo, que contribuíram para minha formação acadêmica. Em especial, expresso minha gratidão à minha orientadora Prof^a. Ms. Anália Adriana da Silva Ferreira, que me guiou durante a elaboração deste trabalho, e aos meus amigos e colegas, que tornaram essa jornada de aprendizado ainda mais significativa.

Um agradecimento especial ao meu grande irmão Cristhian Ferreira, que o IFPB me presenteou e que esteve ao meu lado desde o início dessa caminhada, acompanhando cada passo desta conquista. Também sou imensamente grato ao professor Rafael Efrem, cuja paixão pelo design gráfico foi inspiradora e essencial para minha escolha profissional, demonstrando, através de suas aulas, o verdadeiro valor dessa área.

Não poderia deixar de expressar minha profunda gratidão à minha amiga Marycleide Félix, que sempre foi um ponto de apoio para os alunos deste campus. Em muitos momentos, me escutou, acolheu e guiou com seus conselhos, tornando-se uma referência importante na minha trajetória. Também agradeço aos meus colegas de trabalho, que apoiaram e influenciaram este estudo.

Por fim, o meu agradecimento mais importante vai para Lindacy Messias da Silva, minha mãe. Mulher forte e guerreira, que desde cedo enfrentou uma vida de lutas e, com muito esforço, garantiu a mim e ao meu irmão os meios necessários para termos uma boa educação. Criando-nos em um bairro marcado por desafios, violência e criminalidade, ela nunca mediu esforços para que seus filhos trilhassem um caminho diferente. Este trabalho não é apenas uma realização minha, mas também a concretização da luta da mulher mais importante da minha vida.

Obrigado a todos que, de alguma forma, fizeram parte desta jornada.

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Fundamentação teórica	6
2.1 O forró	6
2.2 Surgimento do Forró Eletrônico	8
2.3 Forró Eletrônico e Suas Gerações	10
3. Estética	12
4. Metodologia	14
5. Resultados	15
6. Conclusão	24

Erotismo e Identidade visual no Forró Eletrônico: A Estética da Calcinha Preta

Deyvisonn Ranyere Messia Lopes¹

RESUMO

O forró eletrônico é um gênero musical que alcançou grande notoriedade no Nordeste brasileiro a partir dos anos 1990, consolidando-se como um verdadeiro fenômeno cultural e mercadológico. Nesse contexto, a banda sergipana Calcinha Preta se destacou por sua estética visual marcante, que combinava elementos de erotismo e romantismo como pilares centrais de sua identidade. Este estudo busca compreender o impacto do erotismo tanto na consolidação do forró eletrônico quanto na construção da identidade visual da Calcinha Preta, analisando as capas de seus álbuns lançados entre 1998 e 2010. A pesquisa utiliza como base a metodologia de Martine Joly (2007), que propõe uma abordagem para a análise da imagem, considerando o contexto social, a construção dos sentidos visuais e a interpretação dos signos. Os resultados apontam que a identidade visual da Calcinha Preta foi desenvolvida de forma estratégica, utilizando cores vibrantes, tipografias marcantes e a hiper sexualização feminina como elementos centrais. Além de investigar a trajetória visual da Calcinha Preta, o trabalho também explora outras bandas do cenário do forró eletrônico, permitindo uma comparação de suas abordagens estéticas e a identificação de padrões visuais que ajudaram a definir o gênero.

Palavras-Chave: Calcinha Preta, capa de álbum, semiótica, forró eletrônico, análise gráfica.

ABSTRACT

Electronic forró is a musical genre that gained great prominence in Northeast Brazil starting in the 1990s, establishing itself as a true cultural and commercial phenomenon. In this context, the Sergipe-based band Calcinha Preta stood out for its striking visual aesthetics, which combined elements of eroticism and romance as central pillars of its identity. This study aims to understand the impact of eroticism both on the consolidation of electronic forró and on the construction of Calcinha Preta's visual identity by analyzing the covers of its albums released between 1998 and 2010. The research is based on the methodology of Martine Joly (2007), which proposes an approach to image analysis considering the social context, the construction of visual meaning, and the interpretation of signs. The results indicate that Calcinha Preta's visual identity was strategically developed, using vibrant colors, bold typography, and the hypersexualization of women as central elements. In addition to investigating Calcinha Preta's visual trajectory, the study also explores other bands within the electronic forró scene, allowing a comparison of their aesthetic approaches and identifying visual patterns that helped define the genre.

Keywords: *aesthetics, álbum cover Calcinha Preta, electronic forró, visual identity.*

¹ deyvisonn.ranyere@academico.ifpb.edu.br . Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB)

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo estudar a estética visual que permeia um movimento cultural surgido no Nordeste no início da década de 1990: o forró eletrônico. Essa vertente do forró tradicional surgiu modernizada, abordando de forma ousada temas como amor, sexo e festas, tornando-se extremamente popular entre o público jovem. Apesar de enfrentar preconceitos e polêmicas, principalmente por parte dos admiradores do forró tradicional, o movimento conquistou espaço e se firmou no gosto popular.

A Calcinha Preta, uma das bandas de maior sucesso dentro desse cenário, se torna um excelente objeto de estudo para compreendermos como o erotismo e a sensualidade foram essenciais na construção de sua identidade e na consolidação de sua popularidade. O forró eletrônico, por ser um gênero frequentemente marginalizado, carece de estudos aprofundados que expliquem como a estética visual desses grupos contribuiu para o seu sucesso comercial. Neste trabalho, veremos que cada escolha estética, desde a hiper sexualização do corpo feminino até o uso de elementos do estilo gótico, teve um propósito estratégico, tanto visual quanto mercadológico.

Com essa fórmula, outros grupos também adotaram características semelhantes para alcançar sucesso, muitas vezes reproduzindo versões quase idênticas das grandes bandas que já existiam. Como veremos, esse movimento teve um impacto significativo não apenas no cenário musical, mas também nos aspectos sociais e econômicos, sempre guiado por um propósito central: a lucratividade. Como aponta Trotta (2009), os produtores envolvidos com esse mercado investiram no que Pine e Gilmore chamam de "economia da experiência", onde o público não paga apenas pelo produto (a música), mas pela vivência de um espetáculo memorável. No caso do forró eletrônico, os shows se tornaram verdadeiros eventos.

Embora alguns estudiosos enxerguem o forró eletrônico de forma pejorativa, quase como algo descartável, esse pensamento também pode ser observado em alguns músicos e representantes do governo, como fez o músico e ex-secretário de cultura da Paraíba, o cantor Chico César, quando criticou as bandas mais modernas do gênero, chamando-as de “forró de plástico”, em referência ao caráter comercial e industrializado do movimento². Apesar desse

² <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/04/chico-cesar-diz-que-nao-apoia-banda-de-forro-eletronico-no-sao-joao-da-pb.html>

tipo de posicionamento, essa vertente musical se consolidou como um ícone da cultura popular brasileira. Bandas como Calcinha Preta, Limão com Mel e Mastruz com Leite conseguiram ultrapassar as barreiras do forró tradicional e arrastar multidões por todo o Brasil, utilizando de maneira estratégica os elementos que abordamos neste estudo.

O que torna a Calcinha Preta um objeto de análise tão relevante é o fato de que, além do impacto musical, a banda desenvolveu uma identidade visual própria. Como veremos ao longo do artigo, esse diferencial estético é o que faz a banda ser referência até os dias atuais, influenciando não apenas o forró eletrônico, mas também artistas contemporâneos que adotam sua estética visual em diferentes trabalhos.

O intuito desta análise é compreender o impacto desses elementos estéticos e os possíveis motivos que levaram a Calcinha Preta a adotar esse padrão visual, seguido também pelas demais bandas do cenário, utilizado para promover suas músicas e seus discos. Para isso utilizará a análise do disco mencionado, aplicando a metodologia de Martine Joly (2007), que se utiliza da semiótica peirceana.

2. Fundamentação teórica

2.1 O forró

De grande expressão e apelo popular, o forró é um gênero musical nordestino que atravessa gerações e, cada vez mais, se consolida no país. Ao longo dos anos, este estilo musical passa por mudanças e revoluções estéticas, dentre elas o conhecido forró eletrônico, que consiste em adotar várias referências musicais e visuais que, de maneira intencional, estabeleciam um diálogo com os padrões já conhecidos da música pop internacional. (Trotta, 2008).

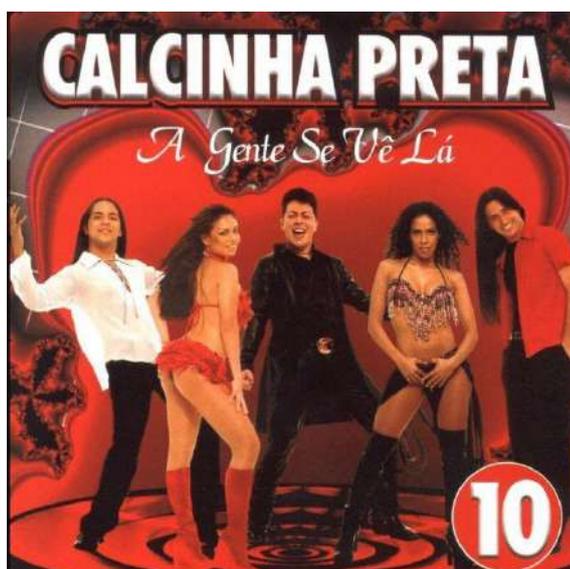
Dentre as diversas bandas desse cenário, destaca-se como uma das pioneiras a banda Calcinha Preta, formada em Aracaju no ano de 1995. A banda se destaca das demais por inovar tanto em suas apresentações de palco quanto em seu visual estético. Usando e abusando de letras com erotismo e romantismo em suas músicas, rapidamente atingiu o topo das paradas e conquistou o gosto popular. Porém, com o passar dos tempos, o cenário fonográfico passou a sofrer bastante com a pirataria, um fator que levou os grupos a um maior investimento em seus shows, com dançarinas no palco e grande produção, um método que, por eficaz, reforçou o estereótipo de apelo sexual à estética do forró eletrônico.

O maior lucro das bandas, não é através da vendagem dos CDs, mesmo porque com a pirataria fica difícil de fazer essa contabilidade, o sucesso e conseqüente lucro, é obtido através da realização dos shows, das turnês pelo Nordeste. [...] As apresentações são, como dissemos, um espetáculo à parte, as pessoas se identificam com um bordão, inventado por um intérprete, para assistir as dançarinas e cantar o sucesso do momento da banda (Libny Freire, 2010, p.5).

Os CDs acabaram virando uma espécie de vitrine, para que o público passasse a conhecer a banda e seus novos cantores, como existia uma constante renovação no repertório e nas formações, pois as bandas realizavam inúmeros shows, muitas vezes no mesmo local em um curto espaço de tempo. Para se manterem relevantes, as músicas precisavam ser vistas como produtos e, assim que consumidos, deveriam ser rapidamente substituídos por novas ofertas, caso contrário, a banda corria o risco de ficar para trás em um mercado altamente competitivo. (Freire, 2010). Quase como cartazes, essas capas utilizavam de elementos que refletiam todos os aspectos de seus shows teatrais, com cores fortes e poses sugestivas que transmitiam de forma direta o que o espectador poderia esperar de suas performances.

Uma de suas capas de álbum mais marcantes é a do CD *A gente se vê lá*, Vol. 10 (ver Figura 1), lançado em 2003, que apresenta traços estéticos como o uso de cores vibrantes, a ênfase em poses expressivas dos integrantes e a tipografia marcante, elementos que têm sido referência para artistas contemporâneos da cena cultural nordestina.

Figura 1 - Capa do álbum *A gente se vê lá* Vol.10



Fonte: Divulgação

Calcinha Preta faz parte da segunda geração do “novo forró”, destacando-se por uma estética inovadora e energética, a banda mistura forró com elementos do rock e da cultura pop. Conhecida pela grande mudança de seus integrantes e pela força da marca, também é famosa por suas versões brasileiras adaptadas de conhecidos sucessos internacionais de rock, como "Dust in the Wind", da banda norte-americana de rock progressivo Kansas e "Without You", sucesso da cantora pop Mariah Carey. Essa fusão de estilos e a constante renovação do repertório consolidaram Calcinha Preta como um dos maiores nomes do forró no Brasil.

2.2 Surgimento do Forró Eletrônico

Para começarmos a abordar a importância da banda Calcinha Preta no movimento que ficou conhecido como “forró eletrônico”, precisamos ter uma noção básica do que é o forró e das diferenças entre esses estilos.

Não se sabe ao certo a verdadeira origem do forró, segundo Costa Filho (2010) o forró é um estilo musical tradicional que nasceu no Nordeste do Brasil. Ele é profundamente ligado à cultura nordestina e tem raízes que remontam às festas populares do início do século XX.

Na verdade, o forró é um conjunto de ritmos que inclui o baião, o xote e o xaxado, popularizados principalmente pelo grande músico Luiz Gonzaga, conhecido popularmente como o "Rei do Baião". De acordo com Jean Costa (2012), “diferentemente da canção ‘Quem inventou o forró’, interpretada pela cantora Eliane, o forró possuiu sim um inventor: Luiz Gonzaga”. Gonzaga ajudou a levar o forró para o restante do Brasil na década de 1940, com canções que falavam da vida no sertão, das dificuldades enfrentadas pelo povo nordestino, mas também de sua alegria e força.

Outro nome importante é do paraibano Jackson do Pandeiro, que ganhou destaque na mídia ao misturar o samba carioca com ritmos nordestinos, como o coco, dando ao forró uma nova sonoridade. Conhecido como o "Rei do Ritmo", ele contribuiu significativamente para a popularização do forró, trazendo um estilo de canto ritmado. Jackson do Pandeiro ajudou a diversificar o som do forró, tornando-o ainda mais rico e influente na música brasileira.

Com o passar do tempo, pela década de 90, o forró foi se adaptando, dando origem a uma nova vertente. Nessa nova fase, as letras deixaram de falar sobre a vida no sertão e das dificuldades do povo nordestino (temáticas recorrentes na era de Gonzaga), e passaram a refletir a vida urbana e jovem, abordando temas como amor, sexo, traição, luxúria e erotismo. Essa

nova vertente ficou conhecida como “fornó eletrônico”. Assim, como no fornó tradicional, surgiram nomes importantes para o desenvolvimento desse novo estilo, mas antes de falar sobre o gênero “fornó eletrônico”, é preciso falar de uma figura central: Emanuel Gurgel. Trotta (2009) indica:

O mercado alternativo do fornó foi inaugurado no início dos anos 1990 pela banda Mastruz com Leite, organizada pelo empresário Emanuel Gurgel, que pretendia revolucionar os padrões do gênero, tornando-o “estilizado e progressista”. Para atingir o objetivo, o empresário montou um poderoso sistema de rádios via satélite que dava suporte à divulgação de seus produtos musicais, a Somzoom Sat. Sob a batuta de Gurgel, além da Mastruz formaram-se outras dezenas de bandas de perfil semelhante, divulgadas durante a década de 1990 pela rádio. Atuando ainda como gravadora, a Somzoom foi e ainda é a principal responsável pela divulgação de novas e consagradas bandas de fornó eletrônico. (Trotta ,2009, p. 105)

Gurgel (ver figura 2) é frequentemente creditado como o criador do fornó eletrônico. Antes de entrar no ramo musical, ele era proprietário de fábricas de confecção. Com uma visão empreendedora, identificou o potencial do fornó como um negócio lucrativo e passou a investir intensamente na música. Gurgel incorporou elementos da cultura pop da época, especialmente do rock, e adicionou instrumentos eletrônicos, como guitarras elétricas, baixos, baterias e teclados, à tradicional tríade sanfona, triângulo e zabumba. Essa inovação conferiu uma nova sonoridade ao fornó, atraindo um público mais jovem e urbano. Ele foi responsável pela criação e administração de algumas das maiores bandas do movimento, como Mastruz com Leite, Cavalo de Pau, Mel com Terra e Rabo de Saia.

Figura 2 - O empresário de fornó Emanuel Gurgel



Fonte: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2020/12/14/forno-eletronico-faz-30-anos-o-empresario-que-popularizou-estilo-gerenciando-11-bandas.ghtml>

2.3 Forró Eletrônico e Suas Gerações

O forró eletrônico passou por várias fases, cada uma marcada por características distintas que o aproximaram de diferentes públicos. Em entrevista concedida para Sarmento (2020), do portal G1, Climério Oliveira dos Santos ³ afirma que “A primeira geração com bandas como Mastruz Com Leite, Magníficos e Limão Com Mel e a segunda, com Calcinha Preta, Aviões do Forró, Saia Rodada e Garota Safada, criadas do meio dos anos 90 até o começo dos 2000”. (Ver figura 3)

Figura 3 - capas de álbuns Mastruz com leite (1993) e Cavalo de Pau (1994)



Fonte: Divulgação

As letras das bandas da primeira geração do forró eletrônico abordavam temas como romance e 'xaveco'⁴, mantendo uma forte ligação com o forró tradicional e seu universo sertanejo. Músicas como Meu Vaqueiro, Meu Peão, da banda Mastruz com Leite, e Timidez, da Cavalo de Pau, retratavam essa realidade de forma lúdica e poética, explorando narrativas de amor e cotidiano típicas da cultura nordestina. (Letras disponíveis no Anexo 1.)

Embora tenha surgido na primeira geração do forró eletrônico, a Calcinha Preta alcançou seu auge anos depois, consolidando no cenário musical e competindo diretamente com as bandas da segunda geração, como Aviões do Forró, Cavaleiros do Forró e Garota Safada, todas responsáveis por impulsionar o gênero durante a década de 2000 (Ver Figura 4).

³ Climério Oliveira dos Santos, músico, professor e pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco.

⁴ "Xaveco" é um termo informal usado para descrever a ação de flertar, cortejar ou tentar conquistar alguém por meio de conversas, elogios ou cantadas.

Figura 4 - Capas de álbuns cavaleiros do forró (2006) e Calcinha Preta (2006)



Fonte: Divulgação

Essa segunda geração trouxe transformações significativas ao gênero. Os grupos passaram a adotar uma estética visual mais elaborada e cênica, voltada ainda mais para o entretenimento, com shows grandiosos (Ver figura 5), figurinos ousados e músicas que enfatizam temas de romance, dilemas amorosos e a sensualidade feminina (Letras disponíveis no Anexo 2) aspectos que se tornaram um dos pontos mais criticados no gênero.

figura 5: Calcinha Preta Ao Vivo Em Salvador DVD Vol.1 (2003)



fonte: DVD Ao Vivo Em Salvador Calcinha Preta Vol.1 (2003)

Gurgel e outros produtores começaram a identificar o potencial desse nicho da música brasileira e notaram a grande demanda do público por grupos desse estilo. A partir daí, passaram a tratar esses artistas como produtos, criando uma verdadeira linha de produção para lançar novas apostas no mercado, apostando em shows espetáculos.

Calcinha Preta revolucionava a cena musical, o show passou a ser um verdadeiro espetáculo, ensaiado milimetricamente, com fusões de músicas, entrada e saída de cantores e, sobretudo, com um sedutor acompanhamento de dançarinas, uma tendência que proporcionou apelo erótico e sensual. (Santana e Dias, 2021, p. 58)

Foi então o estilo explodiu em todo o Nordeste, com diversos conjuntos surgindo e muitas vezes apresentando propostas similares, como Aviões do Forró, Solteirões do Forró, Forró Saborear, Garota Safada, entre outros.

A Calcinha Preta teve um grande impacto financeiro em seus anos de maior sucesso, a banda bateu recordes de bilheteria, como no show realizado no Parque de Exposições de Salvador (2003), onde reuniu cerca de 120 mil pagantes. Segundo Santana e Dias (2021 p.53) “O show, com estrutura própria, bateu todos os recordes de uma banda de forró independente, tanto na venda de ingressos na bilheteria quanto na comercialização do DVD pelo país”. Esse evento foi um marco para o gênero, consolidando a banda no cenário da música nordestina.

3. Estética

O diferencial da banda não estava apenas nas músicas, mas na junção de performance, cenografia, figurino e identidade visual, elementos planejados para criar uma experiência marcante. Como um produto, a banda se moldava às necessidades do mercado, adaptando setlists e cenários conforme o público e o evento. No entanto, fazia isso sem perder sua coerência estética e sonora, garantindo que a identidade da banda permanecesse reconhecível, mesmo com trocas frequentes de integrantes.

Conforme Trotta (2009), enquanto as grandes gravadoras convencionais utilizam a divulgação em rádio principalmente para impulsionar a venda de discos, os produtores e empresários das bandas de forró focam nos shows como seu principal produto de venda. A Calcinha Preta soube explorar isso estrategicamente, utilizando não apenas a música, mas também uma estética visual chamativa e ousada, com performances teatralizadas para conquistar e fidelizar seu público.

Esse depoimento demonstra como a banda transformou seus shows em eventos altamente planejados, reforçando não apenas o apelo musical, mas também o aspecto visual e performático, elementos centrais para seu sucesso.

Além do impacto financeiro direto, a banda também contribuiu para o fortalecimento da mídia nacional e da economia criativa ligada ao forró eletrônico. Ao conquistar espaço em programas como Domingão do Faustão, Planeta Xuxa e Programa do Jô, a Calcinha Preta levou

o gênero para todo o Brasil, ampliando sua base de fãs e consolidando sua marca no cenário musical. Suas vendas de CDs e DVDs atingiram milhões de cópias, garantindo certificações de ouro e platina, algo raro para artistas do forró eletrônico na época (Santana e Dias, 2023).

Como esse artigo tem como objetivo entender o impacto que o erotismo traz tanto neste movimento quanto na identidade da banda Calcinha Preta. Para isso, é necessário discutir o que é o erotismo. Diferente do que muitos pensam, o erotismo não se limita à sexualidade. Ele está voltado para a interioridade do ser e para a construção do desejo, funcionando como algo que pode ser almejado e cultuado. Conforme afirma Georges Bataille, em seu livro *O Erotismo*:

O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Nisso nos enganamos porque ele procura constantemente fora um objeto de desejo. Mas este objeto responde à interioridade do desejo. A escolha de um objeto depende sempre dos gostos pessoais do indivíduo (Bataille, 1987, p.20).

A partir dessa ideia, podemos compreender que, diferentemente do desejo puramente instintivo dos animais, o erotismo humano não se projeta apenas sobre pessoas, mas também sobre símbolos, formas e elementos que proporcionam satisfação estética e emocional. Dessa forma, o erotismo pode ser entendido como uma forma de expressão, envolvendo insinuação, sugestão e simbolismo, estimulando a imaginação e as emoções sem necessariamente ser explícito. Além disso, ele trabalha com elementos estéticos, culturais e psicológicos para despertar sensações e sentimentos ligados à atração e ao prazer.

Essa definição de erotismo ajuda a entender como a identidade visual da Calcinha Preta explorou essa estética para consolidar sua marca. Embora outras bandas já explorassem a erotização da mulher, a Calcinha Preta foi a que abraçou essa estratégia de forma mais evidente, tornando-a parte essencial de sua identidade visual e comercial. O que antes era visto como apelativo e genérico passou a ser um diferencial da banda, destacando a feminilidade e a sexualidade das intérpretes de maneira marcante.

Músicas protagonizadas por mulheres passaram a exaltar essa “liberdade”, como Baby Doll⁵, (letra disponível no **Anexo 3**), que além de ter uma letra sugestiva, era acompanhada de coreografias sensuais, consolidando a imagem de Paulinha Abelha como um ícone dentro do gênero, (Ver Figura 6) conforme apontam Santana & Dias (2021).

⁵ A música Baby Doll, da banda Calcinha Preta, é uma canção romântica que fala sobre saudade e desejo. A letra expressa a tristeza de alguém que sente falta da pessoa amada e relembra momentos íntimos, como quando ela usava um baby doll. A música tem um tom sentimental e melancólico.

A moça, natural da cidade de Simão Dias, interior de Sergipe, tinha todos os pré-requisitos para ser uma bailarina da banda, e usava desta qualidade enquanto cantora principal, fator que garantia a presença do público masculino em frente ao palco. A sensualidade, certamente, ela não havia desenvolvido nos tempos que soltava a voz na igreja, disso ninguém duvida. Ela também se apresentou em serestas, circos e trios elétricos, e ainda teve passagens por outras bandas antes da Calcinha Preta." (SANTANA & DIAS, 2021, p.57)

Figura 6: Paulinha Abelha - Em apresentações ao vivo.



Fonte: DVDs Calcinha Preta.

É importante ressaltar que, embora essas músicas fossem interpretadas por mulheres e expressassem certa experiência feminina, elas eram voltadas predominantemente para um público masculino, reforçando um modelo em que a sensualidade feminina era explorada como estratégia de engajamento e consumo.

4. Metodologia

Para a realização da análise, foi realizada uma comparação inicial do cenário visual no qual a Calcinha Preta surgiu e se consolidou. O recorte escolhido abrange o período de 1998 a 2010, considerado o auge do forró eletrônico.

Para isso, as bandas foram divididas em três grupos, de acordo com o período de lançamento de seus primeiros álbuns. Essa divisão possibilita uma comparação cronológica da evolução do gênero, destacando como o erotismo e o romantismo se manifestaram nas capas dos álbuns e na identidade gráfica dessas bandas.

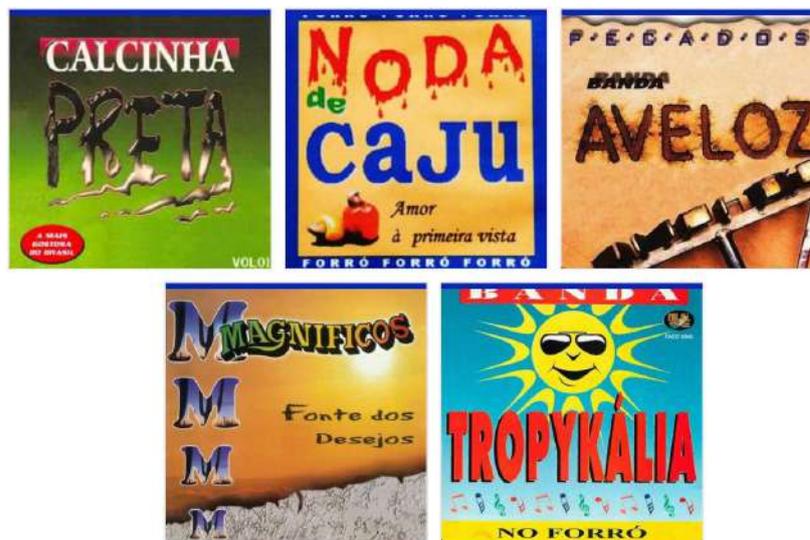
A partir dessa comparação inicial, aplica-se a metodologia de Martine Joly (2007) para analisar de forma mais aprofundada os elementos visuais presentes nas capas da Calcinha Preta,

lançadas na década de 2000. Joly (2007) aponta 3 etapas de análise, a mensagem plástica (aqui compreende-se as capas de CDs, elementos da composição), a mensagem icônica (leitura de signos e suas conotações) e a mensagem linguística (aqui determinado como conteúdo escrito, mensagem e uso tipográfico). Essa abordagem permitirá identificar como os signos visuais, a composição gráfica e os elementos estéticos foram utilizados para reforçar a identidade da banda, diferenciando-a de outras dentro do forró eletrônico.

5. Resultados

No Grupo 1 (até 1998), era comum a escolha de designs mais tipográficos com o uso de cores quentes, estabelecendo um padrão nas capas (ver figura 7). Algumas delas faziam referência a elementos tradicionais do cotidiano sertanejo, como pode ser observado nas capas das bandas Magníficos e Aveloz. Elementos como a terra seca, o sol ardente, o sertão e o ferro no couro eram retratados visualmente.

Figura 7: Grupo 1 (A partir 1998)



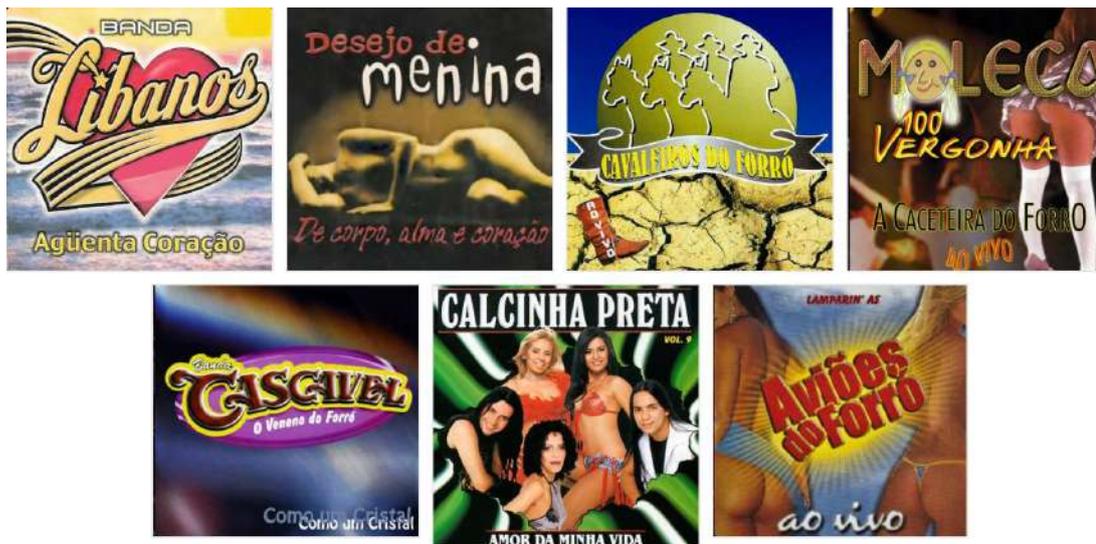
Fonte: Divulgação

Outras capas seguiram uma abordagem mais tropical, destacando o calor do verão. As cores utilizadas sempre transmitiam a sensação de algo quente, com um bom uso de contrastes, ainda que apresentassem uma estética que poderia ser considerada quase amadora. Contudo, essa abordagem conseguia capturar com precisão a essência do que se esperava dessas músicas ou de um show dessas bandas.

Por outro lado, a capa do álbum da banda Calcinha Preta, embora mantivesse a estrutura diagramática presente nas outras capas, destoava completamente da paleta de cores predominante. Havia pouco uso do vermelho, quase como uma escolha proposital para transmitir uma sensação de mistério. Além disso, destacava-se o uso de fontes mais fluidas e da cor verde, um elemento raro entre as bandas desse grupo. Como veremos mais adiante, a banda Calcinha Preta conseguiu manter essa abordagem diferenciada em álbuns posteriores, demonstrando uma preocupação com a unidade e a consistência de sua identidade visual.

Já no Grupo 2 (1999-2004), as capas passaram a ser mais elaboradas, incorporando elementos estéticos mais sofisticados (ver figura 8). O design deixou de ser "limpo", focado apenas em tipografias, e começou a evidenciar o corpo feminino, um recurso que se tornaria quase obrigatório para que essas bandas alcançassem sucesso comercial.

Figura 8: Grupo 2 (1999-2004)



Fonte: Divulgação

O uso de cores quentes ainda estava presente, mas passou a ser utilizado de forma mais objetiva. Um exemplo é a capa da banda Desejo de Menina, que combina o vermelho e o preto de maneira a gerar um contraste visual agradável e de impacto, atribuindo peso e força à composição. O apelo estético ganhou um nível maior de profissionalismo, como pode ser observado nas capas da banda Cascavel e da banda Líbanos. Essas capas fogem do que era tradicionalmente feito na época: não há menção ao corpo feminino ou pontos apelativos, e a representação da realidade sertaneja também perde espaço. Outro aspecto curioso que começou

a surgir nesse período, e que se repetiria nos anos seguintes, foi a inclusão dos integrantes das bandas como parte do design das capas. A banda Calcinha Preta foi uma das pioneiras nessa estratégia, seguida por Limão com Mel. Essa prática de colocar os integrantes em evidência servia tanto para mostrar ao público a formação atual da banda, algo importante, já que mudanças de integrantes eram frequentes, quanto para atrair o público jovem aos shows. As capas funcionavam, assim, como banners ou cartazes promocionais, uma vez que os CDs eram frequentemente comercializados durante os shows.

No Grupo 3 (2005 - 2010), é um caso interessante porque, nesse período, vemos que ter os integrantes se torna padrão, e as capas seguem uma diagramação clara: o nome da banda em destaque, os integrantes, e o nome que leva o disco quase não tem ou não recebe nenhum destaque. Muito dessa escolha está em divulgar a banda o máximo possível. As cores quentes ainda continuam, de forma que a concepção de clareza visual está bem desenvolvida. Isso demonstra que pontos anteriores mostraram ser eficazes, então se repetem nessas novas capas. Como vimos, às vezes o repertório se moldava à vivência que o show iria conter, e as músicas do CD mudavam. O que mais importa nesse caso, para identificar qual é o CD, é o volume, que sempre acompanha a capa e, esse sim, está em destaque.

Figura 9: Capas de 2005 - 2010



Fonte: Divulgação

Como podemos ver na capa de Calcinha Preta, o número 14 tem mais destaque que o nome do álbum Dois Amores, Duas Paixões. E, na capa de Aviões do Forró, o nome da banda

em total destaque aparece em vermelho com contorno, atraindo a atenção e aproximando o público. Na hierarquia da composição, o número 4, que indica o volume do CD, é o segundo elemento mais importante. Daqui em diante, esses pontos, o nome da banda, os integrantes e o volume se tornam o principal formato de diagramar as capas.

Uma coisa a ser notada é que muitas bandas que surgiram nesse período de 2005 em diante fugiram um pouco da hiper sexualização da mulher, mas a Calcinha Preta não abandonou esse aspecto. Os designs de suas capas exploram ainda mais o vermelho, o preto e o corpo feminino. Como podemos ver mais a frente (figura (11)), a identidade visual da banda está muito bem estabelecida.

É importante observar como a Calcinha Preta seguiu de forma consistente sua estética desde o início, mas foi se moldando ao longo do tempo, aprimorando e executando melhor a função de seus designs e capas. Uma boa comparação para entendermos como isso acontece é analisar algumas bandas que fizeram sucesso depois 2005, no mesmo cenário da Calcinha Preta. Essa comparação breve nos ajudará, mais à frente, a compreender ainda mais por que a identidade visual adotada é importante para diferenciar e dar destaque à Calcinha Preta. Como podemos ver na figura (10)

Figura 10: Capas de CD depois de 2005



Fonte: Divulgação

Enquanto bandas como Desejo de Menina e Mala 100 Alça seguem aquele mesmo esquema de cores, diagramação e integrantes com o nome da banda em destaque, não vemos o corpo da mulher sendo explorado ou a sua sexualização. Já a Calcinha Preta traz todos esses

elementos que apontamos anteriormente, mas com um erotismo presente em todas as capas: nas cores vermelhas vibrantes, nas roupas usadas pelas integrantes femininas e na composição geral. Esse contraste fica evidente quando comparamos as roupas dos integrantes masculinos com as integrantes femininas. Na capa do volume 17, por exemplo, o nome "Calcinha Preta" aparece com quase o mesmo peso visual que a cantora Paulinha Abelha, que veste um decotado e chamativo vestido vermelho.

Com esse entendimento, fica claro que a escolha por adotar essa identidade visual foi benéfica para o sucesso da banda. Podemos, então, avançar para uma análise mais detalhada, a fim de entender as possíveis escolhas criativas que a banda Calcinha Preta optou por fazer e como, ao longo dos anos, consolidou sua essência no imaginário popular.

Depois dessa breve comparação, podemos analisar mais de perto e separadamente a identidade visual da Calcinha Preta. Como propõe Martine Joly (2007), em sua obra *Introdução à Análise da Imagem*, a interpretação visual deve levar em conta não apenas os elementos gráficos da imagem, mas também o contexto social e cultural no qual ela está inserida. Segundo a autora, as imagens possuem significados construídos, e sua leitura é influenciada por fatores históricos, mercadológicos e midiáticos. Assim, a análise não pode se limitar ao aspecto estético, mas deve considerar a relação entre os signos visuais e o impacto que eles geram no público.

Nesse sentido, três aspectos fundamentais foram observados nesta análise. O primeiro é o contexto da imagem, ou seja, como as capas da Calcinha Preta refletem o forró eletrônico e como os conceitos de erotismo e romantismo eram representados nesse cenário. O segundo ponto envolve a construção do sentido visual, analisando os elementos gráficos e estéticos das capas, como paleta de cores, tipografia, figurino e poses dos integrantes, e como esses elementos reforçam a identidade da banda. Por fim, a análise também se baseia em uma leitura semiótica, buscando compreender os signos visuais utilizados e sua interpretação pelo público.

Começamos a análise observando o contexto em que essas capas foram feitas, dentro do período previamente delimitado, onde um padrão visual começou a surgir. Ter os integrantes em destaque na capa tornou-se um elemento essencial, não apenas como uma decisão estética, mas também como uma estratégia comercial. Assim como nos cartazes de cinema, onde os atores principais recebem mais destaque para atrair seu público, as capas dos álbuns da Calcinha Preta seguiam essa lógica, ver figura 11.

Figura 11: Cds da calcinha preta da década de 2000



Fonte: Divulgação

Além disso, a presença de uma ou mais integrantes femininas em evidência era uma constante, o que pode ser observado nas capas dos Volumes 8 (2002), 10 (2003), 12 (2006), 17 (2007) e 19 (2008). Esse padrão visual atendia diretamente às estratégias de marketing da banda, que visavam atrair o público masculino e, ao mesmo tempo, destacar a cantora Paulinha Abelha, uma das integrantes mais populares do grupo. Sua presença nas capas funcionava como um chamariz para o público, garantindo maior engajamento e, conseqüentemente, mais vendas e público nos shows, muitos dos quais eram realizados em eventos públicos.

O erotismo, quando falamos em Calcinha Preta, está sempre presente no visual da banda. Ele se manifesta não apenas nos figurinos e nas coreografias, mas também nas capas dos álbuns, por meio das poses dos integrantes, expressões corporais e até na escolha das cores. Já o romantismo, por outro lado, é um elemento mais sutil dentro da identidade visual da banda. Ele pode ser percebido na paleta de cores utilizada em alguns álbuns, mas se manifesta de forma mais evidente nas músicas, onde as letras e melodias enfatizam temas de amor e saudade, criando um equilíbrio entre sensualidade e emoção.

O segundo ponto a ser observado foi a construção visual das capas dos álbuns da Calcinha Preta. Um dos elementos mais marcantes é a forma como o nome da banda sempre se destaca. Em quase todas as capas, o título "CALCINHA PRETA" aparece com tipografias pesadas, geralmente em contorno prateado, criando um contraste visual forte. Essa escolha tipográfica não é aleatória; ela se destaca entre as cores vibrantes e saturadas que compõem a estética da banda, sendo o vermelho a cor predominante. O vermelho, nesse contexto, está diretamente associado a paixão, desejo e até energia sexual, reforçando a identidade da banda.

A disposição dos integrantes nas capas segue um padrão visual que remete a uma vitrine ou catálogo, colocando os membros da banda em destaque de forma equilibrada. Esse modelo se torna ainda mais evidente na segunda metade da década, quando a banda consolida um estilo gráfico repetitivo, algo que já foi observado anteriormente na comparação com outras bandas da época. A importância desse formato visual pode ser explicada pelo peso da marca "Calcinha Preta", que se torna tão relevante quanto a imagem dos próprios integrantes. Assim, a composição das capas dá ênfase a esses dois elementos principais: o nome da banda e os artistas, garantindo reconhecimento imediato para o público.

Outro detalhe relevante é a hierarquia de informações dentro do design das capas. O nome da banda e as imagens dos integrantes possuem o maior destaque, seguidos pelo número do volume do álbum. Já o nome do disco em si tem um peso visual secundário, o que indica que, mais do que um álbum isolado, a marca da banda era o grande atrativo para o público.

Além disso, podemos observar uma clara diferença entre as capas da primeira e da segunda metade da década, tanto na diagramação quanto nos elementos gráficos utilizados. Nas capas da primeira metade da década, predominam formas mais fluidas, muitas vezes com aspecto líquido, transmitindo sensações de emoção, paixão, naturalidade e liberdade, características mais diretamente ligadas ao erotismo. Já nas capas da segunda metade da década, essas formas passam a ser mais retas e geométricas, resultando em um design mais racional e estruturado. Essa mudança pode estar associada a uma tentativa de transmitir estabilidade, sofisticação e durabilidade, elementos que se conectam mais ao romantismo do que ao erotismo.

Por fim, realizamos uma análise semiótica do conjunto visual das capas. Quando tratamos de semiótica nesse contexto, estamos lidando com a soma de todos os elementos gráficos e estéticos que constroem a identidade visual da banda. Aqui a capa do álbum funciona como embalagem do produto, ela precisa ser chamativa o suficiente para atrair o público. No

entanto, no caso das bandas de forró eletrônico, como já vimos, o que realmente importa não é apenas o CD ou as músicas gravadas nele, mas sim a experiência proporcionada pelo show ao vivo.

Diferente de artistas de outros gêneros, que utilizam as capas dos álbuns como parte do conceito visual de um projeto específico, no forró eletrônico, a capa assume um papel mais publicitário do que conceitual. Seu principal objetivo é funcionar quase como um panfleto, comunicando uma mensagem clara: "venha assistir ao nosso show". Assim, a estética da capa precisa ser imediatamente reconhecível e reforçar a identidade do grupo.

Nesse sentido, um dos elementos mais significativos dentro da composição das capas da Calcinha Preta é o uso das cores. Como já discutimos anteriormente, o vermelho, combinado com o preto, cria uma identidade visual intensa e sensual, remetendo diretamente ao erotismo. Essa escolha não é aleatória, o erotismo está presente de maneira sistemática em todos os detalhes da identidade visual da banda. Mesmo sem haver uma representação literal do nome "Calcinha Preta" em suas capas, ele se tornou um símbolo próprio, onde o nome, as cores e a estética já remetem imediatamente à experiência e ao conceito da banda.

Esse impacto visual fica ainda mais evidente quando outras bandas ou artistas reproduzem essa estética em seus próprios projetos. Um exemplo claro é o álbum "Batidão Tropical Vol.2" - 2024, da cantora Pablla Vittar, que segue a mesma estrutura visual das capas clássicas da Calcinha Preta. Pablo afirma⁶ "é como se eu pegasse o Norte e Nordeste, colocasse em um pedestal e mostrasse para o Brasil e o mundo verem o tanto que é rico e plural". É assim que a cantora explica seu álbum que tem influência nas músicas de forró e tecnobrega que ouvia.

Assim como os álbuns da banda, o projeto de Pablla apresenta: nome em destaque, com tipografia chamativa, o uso intenso da cor vermelha, associada à paixão e energia, a presença central da artista na capa, assim como a Calcinha Preta destacava seus integrantes, organização visual próxima à diagramação das capas de forró eletrônico.

⁶ <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/06/25/pablla-vittar-exalta-tecnobrega-e-forro-em-batidao-tropical-e-a-minha-vida-ali-em-musica.ghtml>

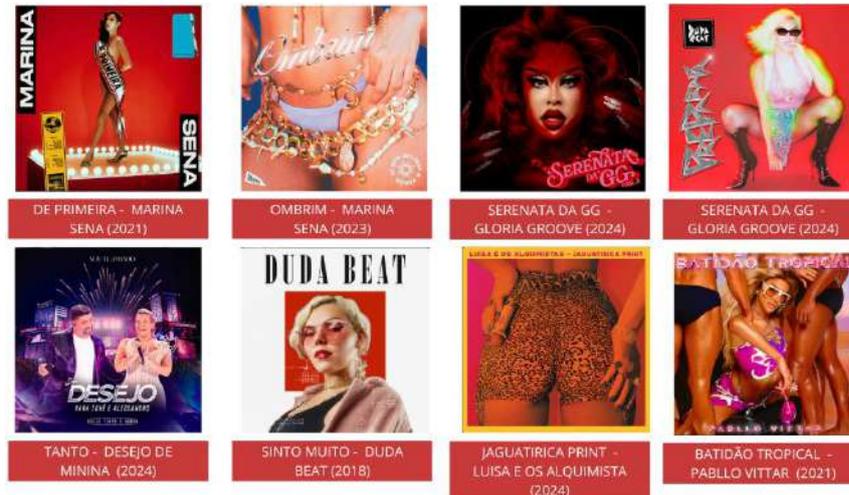
Figura 12: Álbum batida tropical - Pabullo Vittar 2024



Fonte: Divulgação

Isso demonstra, na prática, como a identidade visual consolidada pela Calcinha Preta se tornou um ícone, definindo um conjunto de características que passaram a ser replicadas em outras produções visuais de artistas contemporâneos. Essa estrutura visual provou ser eficaz, tanto para vender álbuns quanto para criar uma identidade visual forte que ficasse no imaginário do público.

Figura 13: Álbum de artistas da atualidade.



Fonte: Divulgação

Outro ponto que reforça essa comparação entre a Calcinha Preta e novos artistas que seguem essa estética é a forma como seus shows são apresentados. Assim como a banda fez em

décadas atrás, muitos artistas contemporâneos criam espetáculos teatrais, com figurinos exuberantes, coreografias elaboradas e uma forte identidade visual.

Para finalizar essa análise, um dos exemplos mais simbólicos da força da identidade visual da Calcinha Preta está na forma como a própria banda continua resgatando sua estética ao longo dos anos. Um exemplo recente é uma capa de álbum onde a banda faz uma referência direta a um de seus trabalhos anteriores, recriando a identidade visual de um de seus álbuns icônicos e relembrando seu show histórico em Salvador, 2003. Isso evidencia que essa estratégia visual continua sendo relevante e eficaz até os dias atuais.

Figura 13: Calcinha Preta Como Não Amar - 2022 e Ao Vivo em Salvador – 2003



Fonte: Divulgação

Para complementar esta análise e ilustrar de forma mais detalhada os aspectos visuais discutidos ao longo do estudo, foram incluídas no APÊNDICE os quadros de Análise. Essas imagens permitem uma melhor compreensão das escolhas estéticas da Calcinha Preta e de outras bandas do forró eletrônico, evidenciando os padrões gráficos e visuais identificados.

6. Conclusão

A análise das capas da Calcinha Preta evidencia que a identidade visual da banda não foi construída de forma aleatória, mas sim de maneira estratégica e intencional. O uso recorrente de elementos estéticos, como cores vibrantes, tipografias marcantes e a exploração do erotismo, consolidou a Calcinha Preta como uma das bandas de maior impacto no forró eletrônico. Essa abordagem visual não apenas diferenciou a banda no cenário do forró, mas também fortaleceu sua marca, transformando-a em um ícone cultural.

Mais do que atender às demandas do mercado, a Calcinha Preta ultrapassou a barreira de ser apenas mais uma banda genérica do gênero. Ao adotar uma estética ousada, a banda conseguiu equilibrar a sensualidade das performances com o romantismo das letras, criando uma identidade única que se conectou profundamente com o público. Essa combinação de elementos visuais e temáticos permitiu que o grupo se tornasse uma referência não apenas no âmbito musical, mas também no cultural e social. É importante lembrar que o movimento do forró eletrônico não foi apenas artístico, mas também social, muitos de seus shows eram promovidos por prefeituras e eventos públicos, o que continua acontecendo até os dias de hoje.

Essa conexão com o público não se limitou ao passado. A forte identidade visual da Calcinha Preta, consolidada na década de 2000, continua relevante e impactante no cenário musical atual. Artistas como Pablo Vittar, por exemplo, resgatam elementos visuais e estéticos da banda, demonstrando como essa estética transcendeu o tempo e se mantém viva no imaginário popular. Esse retorno da estética do forró eletrônico pode ser visto tanto como uma estratégia de mercado, visando atingir um público já consolidado, quanto como uma forma de estabelecer conexões identitárias com novas gerações. O que se observa, de fato, é a normalização do erotismo e a aceitação dessa estética pelo público, fortalecendo o nome da Calcinha Preta como uma das bandas mais marcantes do gênero.

Portanto, a Calcinha Preta não apenas se destacou no forró eletrônico, mas também deixou um legado visual que continua a inspirar e influenciar a cultura popular brasileira. Sua capacidade de transformar elementos aparentemente simples, como cores, poses e tipografias, em uma identidade visual coesa e impactante, mostra como o design gráfico pode ajudar a construir marcas e fortalecer movimentos culturais, consolidando a banda como um ícone do forró eletrônico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A História Da Banda Calcinha Preta. Mundo Mais. Disponível em: <https://mundomais-calcinhapreta.blogspot.com/p/historia-da-banda.html>. Acesso em: 23 ago. 2024.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CARDOSO, Rafael. **O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

COSTA, Fábio Soares da; SILVA, Francisca Islândia Cardoso da; RODRIGUES, Janete de Páscoa. Representações simbólicas do corpo feminino no forró contemporâneo. *In: EXTRAPRENSA (USP)*, ano VIII, n. 14, p. 86-89, jun. 2014.

COSTA, Jean Henrique. Luiz Gonzaga: entre o mito da pureza musical e a indústria cultural. **Revista Espaço Acadêmico**, n.130, Ano XI, Março de 2012

COSTA FILHO, Ismar Capistrano. Do forrobodó à indústria do entretenimento. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB – 10 a 12 de Junho.

FREIRE, Libny Silva. **Forró eletrônico: Uma análise sobre a representação da figura feminina**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

FREIRE, Libny Silva. É Rapariga, É cabaré: Retratos Femininos no Forró Eletrônico. *In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO*. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Campina Grande, PB, 10 a 12 de junho de 2010.

HADDAD, Mauro. **Forró eletrônico faz 30 anos: O empresário que popularizou estilo gerenciando 11 bandas**. G1 Pop & Arte, 14 dez. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2020/12/14/forro-eletronico-faz-30-anos-o-empresario-que-popularizou-estilo-gerenciando-11-bandas.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2024.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução de José Eduardo Rodil. Revisão da tradução por Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2007.

LAUS, André Luís; FERREIRA, Maria do Rosário Lemos; FERREIRA, Rizzotto Rosa Fávero. A materialidade do design sonoro nos discos de 78 rpm no Brasil. **Arcos Design** – Revista da Área de Artes Visuais e Design do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, v. 1, n. 7, p. 115-130, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15210/arcos.v1i7.16040>. Acesso em: 22 ago. 2024.

LOPES, Cristina Costa. Representações Simbólicas do Corpo Feminino no Forró Contemporâneo. **Revista USP**, n. 14, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/EPX14-PM3>. Acesso em: 23 ago. 2024.

RIOS, Daniele Moitinho Dourado Valois. **É festa, amor e sexo? Um estudo sobre as representações de gênero no forró eletrônico**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2015.

SANTOS, Climério de Oliveira. A representação dualista do forró em escritos acadêmicos e a diversidade ocorrente. **In: VI Seminário Internacional de Comunicação**, UFBA, Salvador, 2003.

SANTANA, Aparecido; DIAS, Leonardo. **Oxente Music: a história de sucesso do forró eletrônico**. Maringá: Editora Viseu, (2003)

Sites visitados

TROTTA, Felipe. "Música Popular, Valor e Identidade no Forró Eletrônico do Nordeste do Brasil." **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 23, no. 68, 2008, pp. 109-128.

TROTTA, Felipe. Música popular, moral e sexualidade: reflexões sobre o forró contemporâneo. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 20, p. 133-140, ago. 2009.

ANEXOS

ANEXO 1 - EXEMPLOS DE LETRAS DE MÚSICAS DA PRIMEIRA GERAÇÃO

(MÚSICA: MEU VAQUEIRO MEU PEÃO - MASTRUZ COM LEITE)

Oh, meu vaqueiro, meu peão
Conquistou meu coração
Na pista da paixão
E valeu o boi [...]
Eu estou sempre onde ele está
Forró, vaquejada, qualquer lugar
Eu vou seguindo o meu peão

(MÚSICA: TIMIDEZ - CAVALO DE PAU)

Vivo a sonhar com você
Eu quero ser feliz
Estar em teus braços, beijinhos e abraços
Contigo eu faço o que eu sempre quis
Meu coração é amor
Desejo e paixão
Sonho acordado e apaixonado
Criou coragem pra falar de amor

ANEXO 2 - EXEMPLOS DE LETRAS DE MÚSICAS DA SEGUNDA GERAÇÃO

(MÚSICA:CACHAÇA, MULHER E GAIA CAVALEIROS DO FORRÓ)

Hoje é cachaça, mulher e gaia
Aumenta o som que não aguentar que saia
Sou Cavaleiro, sou rei da gandaia
Bote esse corno pra fora de casa
É desmantelo no meio da canela
Eu digo hoje tem corno fechando a janela
Morrendo de medo porque eu tô na área
Coçando a cabeça pensando na gaia

(MÚSICA:DOIS AMORES, DUAS PAIXÕES CALCINHA PRETA)

Duas paixões, dois amores
É loucura que somente o coração
Pode explicar
Me perdoe, é que sem ela eu não vivo
E sem você não sei ficar
Tem jeito não
Eu te amo, mas a três
Não rola, não

ANEXO 3 - LETRA DA MÚSICA "BABY DOLL"

Só você sabe me fazer mulher
Só você faz tudo o que eu quiser
Só você entende o meu coração
Enche meu corpo de tesão
Vem, amor, pra mim
Que eu estou aqui
A te esperar
Ontem sonhei com você
Estava no quarto, tão só
Estava tão linda vestida naquele baby doll
Melei minha boca de mel
Pensando só em você
Amor, eu te quero, preciso desse teu prazer
E quando você toca em mim
Ah, ah, ah, ah, eu fico toda molhada
Te juro, fico logo a fim
Ah, ah, ah, ah, eu fico arrepiada
E quando você toca em mim
Ah, ah, ah, ah, eu fico toda molhada
Te juro, fico logo a fim
Ah, ah, ah, ah, eu fico arrepiada

APÊNDICE – ANÁLISE VISUAL DOS ÁLBUNS

MENSAGEM ICÔNICA (SIGNIFICAÇÃO DOS SIGNOS VISUAIS)

- Poses sugestivas e figurinos sensuais, principalmente das cantoras, reforçando o erotismo como estratégia estética.
- Os integrantes aparecem sempre bem iluminados e em destaque, criando uma identificação direta com o público.
- Cenas teatralizadas nas capas e materiais promocionais, transmitindo a ideia de espetáculo e experiência sensorial.



MENSAGEM LINGUÍSTICA (USO DE TEXTO E TIPOGRAFIA)

- O nome da banda sempre em destaque absoluto, maior que o título do álbum, reforçando a marca "Calcinha Preta".
- O número do volume recebe evidência para indicar continuidade e colecionismo, incentivando a identificação com o público.
- Os títulos dos álbuns são geralmente secundários, servindo mais como complemento do conceito visual e da identidade da banda.



MENSAGEM PLÁSTICA (ELEMENTOS VISUAIS)

- Predominância das cores **vermelho e preto**, associadas à **paixão, sensualidade e impacto visual**
- Tipografia **forte e estilizada**, muitas vezes **metálica ou em alto relevo**, criando um efeito chamativo.
- Composição das capas **geralmente sobrecarregada**, com **brilho, efeitos tridimensionais e gradientes**, reforçando a dramaticidade e o apelo visual.



INFLUÊNCIA DA ESTÉTICA DA CALCINHA PRETA ?

A identidade visual da Calcinha Preta não apenas consolidou a banda no forró eletrônico, mas também influenciou artistas contemporâneos.

O uso de cores vibrantes, tipografia marcante e figurinos ousados pode ser observado em projetos recentes, demonstrando a permanência dessa estética no cenário musical.



	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
	Campus Cabedelo - Código INEP: 25282921
	Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Camboinha, CEP 58103-772, Cabedelo (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0010-66 - Telefone: (83) 3248.5400

Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

TCC FINAL

Assunto:	TCC FINAL
Assinado por:	Deyvisonn Lopes
Tipo do Documento:	Anexo
Situação:	Finalizado
Nível de Acesso:	Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência:	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Deyvisonn Ranyere Messias Lopes, DISCENTE (202127010031) DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO - CABEDELLO**, em 31/03/2025 10:23:15.

Este documento foi armazenado no SUAP em 31/03/2025. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1440908

Código de Autenticação: 26747de0ef

